

A close-up photograph of a vibrant yellow rose in bloom, positioned behind a silver metal wire fence. The rose's petals are layered and bright yellow. The fence consists of vertical and horizontal wires. The background is a soft-focus green, suggesting foliage. The text 'Iolanda' and 'Volume 1' is in the top right, and the authors' names are in the bottom left.

Iolanda

Volume 1

Istela Foss
e Mara Lúcia

Capítulo I

Há dias estava escondida naquele buraco escuro. Caíra por acidente, mas resolveu ali ficar a fim de desvencilhar-se do grupo ao qual estava ligada há muitos anos... Anos? Já nem sabia mais quanto tempo estava naquelas paragens.

Nas primeiras semanas até que conseguiu realizar uma contagem precária dos dias. Porém, com o passar do tempo, perdeu-se. Sua perna doía muito, mas não sairia dali enquanto ouvisse os antigos companheiros nas proximidades. Estava cansada de seu convívio. Eles, na certa, não iriam demorar-se muito, pois estavam sempre se mudando de um lugar para outro.

Tempos atrás, quando chegou naquela região, ficou confusa e revoltada. Não entendia o que estava acontecendo. Caminhava sem rumo, sem ter o que comer e beber. Quando finalmente encontrou algumas plantas, atirou-se sobre elas, comendo as folhas e até mesmo as raízes. Não foi o suficiente para matar sua fome e ela devorou alguns bichinhos, semelhantes a larvas. Chorou de raiva e humilhação.

Ela que sempre tivera tudo agora se via nesta triste situação de comer aquelas coisas imundas. Havia momentos que o pavor tomava conta de si. Em meio à escuridão, gritos horríveis a despertavam e a faziam correr como louca.

Enfim deu-se conta... “Estou morta e aqui deve ser o inferno que o padre falava...” Mas, o que havia feito pra estar ali? Sempre fora uma boa mãe e esposa, cumpria com seus deveres, frequentava a missa e fazia grandes doações à igreja? Revoltou-se.

A escuridão tomava conta do lugar. Era impossível ver o céu ou qualquer coisa à sua frente. Quando ela finalmente encontrou alguém, pediu-lhes ajuda. O chefe do grupo, Kao, permitiu-lhe a presença desde que ela trabalhasse para ele. Inicialmente recusou-se, indignada. Onde já se viu, ela, uma descendente da nobreza trabalhar para aquele bando sujo e de modos grosseiros? Eles é que deveriam-se honrados em servi-la! Ao ouvirem Iolanda, riram e debocharam.

- Ora, ora, duquesa... Acaso ainda não percebeu que aqui neste lugar de nada vale seu título, sua

origem? Onde estão suas moedas? Vamos mostre-me seus tesouros! Outro gritou:

- *Eu*, Kao, sou o duque, o rei, aqui! Se quiser, permaneça conosco e ganhará proteção. Mas terá que me servir! E sem reclamações!

Iolanda jamais serviria àquela gente! Nunca! Porém, quando ela viu que se afastavam, desesperou-se. Eles eram as únicas pessoas que ela havia encontrado após semanas (ou meses?) perdida naquele lugar horrível. Não conhecia nada por ali e temia perder-se novamente por algum vale escuro onde andou algum tempo e onde só ouviu gritos horríveis.

Então, o medo falou mais alto que o orgulho e ela decidiu acompanhá-los. Nos primeiros anos foi muito difícil. Certa vez respondeu grosseiramente para Kao e este lhe deu uma forte bofetada no rosto derrubando-a ao chão. Chorou de raiva e pensou que se estivesse em sua antiga casa, aquela insolência não ficaria assim. Ela o puniria, como fizera inúmeras vezes diante de desobediências. Mas, já não se encontrava em seu castelo. Tampouco tinha junto de

si seus fiéis servidores sempre a postos para satisfazer seus menores desejos. Agora, era ela quem servia. Kao e seu grupo estavam sempre procurando um bom lugar para se estabelecerem.

- Precisamos encontrar uma vertente! Uma fonte de água limpa! Então nossa vida vai mudar, plantaremos nosso alimento e não passaremos mais fome! – dizia Kao.

Após muito tempo, eles ainda estavam à procura. Iolanda perguntava-se o porquê disso. Qual a necessidade de estarem sempre de um lado para outro? O que buscavam? Acaso já não haviam perdido as esperanças de encontrar um bom lugar para ficar? Não sabiam eles que ali, naquela terra de sofrimento, de escassez, tudo era feio e triste? Ao pensar nisto, chorou. Lembrou-se de tantas coisas que nunca dera valor. Um abraço carinhoso, uma gentileza... Nunca fora muito de demonstrar afeto. Seu pai ensinara-lhe isto. Ela sempre seguiu os conselhos do pai.

Quando se casou, seu marido era muito diferente. Ela o repreendia pela forma como tratava os

serviçais.

- Eles não vão respeitá-lo! – argumentava.

Iolanda era rigorosa e intransigente, castigava-os sem remorso. Agora, depois de passar anos servindo a Kao, sem nunca receber um olhar de agradecimento ou uma demonstração de afeto, ela se perguntava se fizera certo.

- Não! Agi errado!

Pela primeira vez lamentou seu temperamento vingativo e orgulhoso. Lembrou-se de tantos que viviam sob seu domínio, especialmente os meeiros que davam a seu sogro a maior parte do que plantavam.

- Acaso passavam fome?

Agora Iolanda sabia o que era a fome. Chorou ao lembrar-se das crianças mal vestidas e que nunca tiveram o mesmo conforto e as facilidades dadas a sua filha.

- Minha filha... Como a educara mal! Nunca permitiu que se envolvesse com aquelas humildes crianças que trabalhavam em suas terras. Ensinava-a, inclusive, que era diferente, não permitindo aproximação.

O pranto rolava por seu rosto ao lembrar os enganos cometidos enquanto estava entre os seus. Iolanda refletia que se tivesse uma nova chance, não agiria da mesma forma. Neste estado permaneceu ainda algum tempo escondida.

Então, deu-se conta de que não mais ouvia o ruidoso bando de Kao. Resolveu esperar um pouco mais, por segurança e somente mais tarde saiu daquele buraco.

Novamente viu-se sozinha. Já não sentia aquele medo que a fizera preferir estar ao lado de Kao do que só. Não sabia para onde ir. Enquanto caminhava sem destino, lembrava fatos passados, do tempo em que vivia entre os seus...

Capítulo II

Impaciente Iolanda esperava a chegada de Victor, administrador da propriedade. A imponente senhora mandara chamá-lo, pois precisava urgentemente resolver uma questão.

- Darei uma lição que jamais esquecerá!

Neste momento entrou Victor.

- Quanta demora, Victor! Estou cansada de esperá-lo!

O homem tentou justificar-se, mas foi interrompido.

- Basta! Vamos ao que interessa. É preciso tomar alguma providência contra Marcel, ele está passando dos limites!

Victor ouvia a senhora em silêncio. Sabia que ela não tolerava o jovem Marcel. O temperamento orgulhoso de Iolanda não combinava com a impetuosidade e coragem daquele jovem com quem ela havia se cruzado algumas vezes.

Marcel era filho de camponeses da região que haviam servido à família do duque por muitos anos.

Com a morte de um parente, herdaram uma quantia em dinheiro e negociaram com o atual duque um pedaço de terra nas redondezas. Marcel, deu início a um pequeno mas próspero comércio de vinhos.

Iolanda encontrara-se certa vez com Marcel enquanto passeava pelas redondezas quando este ultrapassou sua carruagem. Para a orgulhosa mulher, tal fato foi um enorme desrespeito! Ele deveria ter seguido seu caminho sempre atrás, jamais ousar passar por ela! Além disso, as notícias que chegavam aos seus ouvidos a respeito das proezas de Marcel a deixavam muito irritada. Há alguns meses, o jovem havia agredido um nobre que visitava a região porque este desrespeitara uma camponesa. Comentando com o marido a respeito do tal fato, surpresa ouviu a reposta:

- Ora, Iolanda, o jovem fez muito bem em defender a menina! Acaso fosse com nossa filha?

Iolanda calou-se. Não adiantava conversar com o marido. Onde já se viu comparar a filha com aquela humilde camponesa?

O duque pensava muito diferente da esposa. Era um homem justo. Não apreciava a violência e os abusos que muitas vezes eram cometidos pelos nobres em seus domínios. Quando herdou a propriedade após a morte do pai, Adolf realizou uma série de mudanças que melhoraram a vida dos camponeses. Sua mulher não o aprovava, mas, já havia perdido as esperanças de convencer a esposa de suas ideias. Iolanda, agora, aproveitava-se da ausência do marido para fazer algo contra Marcel.

- Senhora duquesa, não sei se podemos realizar o que pede. O jovem Marcel é muito querido por todos nesta região. Os aldeões poderiam revoltar-se se desconfiassem que...

- Não quero escusas! Ou devo pensar que você está contra mim?

Victor calou-se. Temia a reação da duquesa. Precisava ganhar tempo até o retorno do duque. Certamente com ele presente, a mulher não ousaria pôr em prática seus planos.

Horas mais tarde, Victor ainda pensava na conversa com Iolanda.

A duquesa tinha um temperamento terrível e era difícil trabalhar quando o duque viajava a negócios. Seu pai fora o administrador do velho duque de Astangos e quando morreu, Vitor ocupou seu lugar na administração da propriedade. Há alguns anos servia o duque, que ao contrário da esposa, era justo e generoso. Todos lhe queriam muito bem. Angustiado diante da ideia de realizar o desejo da duquesa, Victor pensava no que fazer. Tinha que haver uma solução.

Marcel montado em seu cavalo, do alto da colina observava a propriedade. Tivera sorte com a plantação de uvas daquele ano. Sua produção de vinho ia muito bem. Emocionava-se ao pensar que era dono de seu próprio chão. Nunca gostara de ver seus avós, depois seus pais servindo aos duques da região. O duque era muito bom para todos. Em compensação o pai deste fora cruel. Seu avô contava as histórias terríveis do antigo duque quando Marcel era criança. Queria ser livre! Queria também que seus filhos fossem livres.

Marcel achava muito injusto que tantas terras pertencessem a um único dono. Falara sobre isto com seu pai numa ocasião. Este ficou chocado com as ideias do filho. Mas, Marcel era assim mesmo. Pensava de forma diferente, sem se deixar dominar pelas tradições, pelos costumes vigentes. Sua razão não aceitava certas injustiças que presenciara desde menino.

- Não diga bobagens, meu filho! O senhor duque é muito bom para todos! Ninguém por aqui passa necessidades! – tentava convencê-lo o pai.

- Meu pai, os camponeses estão sempre dependendo da boa vontade dos senhores! A cada novo duque há insegurança e medo: como seremos tratados? Esta pergunta tem sido repetida através das gerações.

- Marcel, foi Deus quem criou a todos nós. Ele criou senhores e servos, homens e mulheres... devemos aceitar! – argumentou o pai.

O jovem, porém, não aceitava aquele pensamento:

- Meu pai, não foi Deus quem criou as desigualdades, mas os próprios homens, a fim de salvaguardar seus interesses egoístas!

O pobre homem ficava chocado diante das ideias do filho. Nunca ouvira alguém falar semelhantes coisas! Para o velho Ismael, que aprendeu com seu pai a respeitar os nobres a quem serviam, as palavras do filho soavam como desrespeito. Nobres eram nobres e plebeus eram plebeus. Era assim que as coisas funcionavam. E com certeza continuariam ainda por muito tempo.

Porém, para o idealista Marcel, as coisas deveriam mudar. E esta mudança dependia do povo. A eles cabia a tarefa de modificar sua situação! Nunca entendera por que poucos homens conseguiam dominar a tantos. Por que isto acontecia? Que poder era este que nobres exerciam sobre seus servidores que os impediam de pensar e questionar a situação em que viviam? Muitos eram explorados, humilhados e nada faziam.

Pensava nestas coisas e nos intermináveis debates com seu pai enquanto apreciava a bela vista. Sentia-se feliz com o que tinha. Mas, ainda não estava satisfeito. Queria que seus vizinhos, amigos, também tivessem a mesma condição.

Não suportava ver camponeses passando fome, quando eram eles que preparavam a terra e cultivavam o alimento. Era justo que suas crianças sofressem com a miséria?

Na noite anterior, na taberna havia falado à seus amigos. Muitos jovens como ele, apoiavam suas ideias. Alguém argumentou:

- Marcel, aqui não há fome! Não seja injusto com o senhor duque!

- E no passado? Você mesmo, Niro, nunca teve em sua família alguém que já tenha sofrido por causa dos desmandos dos nobres da região?

O velho Niro calou-se. Era verdade. Há muitos anos atrás, o avô do atual duque, era insensível às necessidades dos aldeões. A mãe de Niro, quando deu à luz, adoeceu e mesmo assim o duque obrigou-a a trabalhar, pois era época da colheita. A pobre mulher adoeceu e faleceu poucos dias depois.

- Temos em nosso passado, inúmeros casos de abusos cometidos pelos nobres que marcaram muitas de nossas famílias. É verdade que no momento vivemos tranquilos...mas, e quanto ao futuro?

Ficaram todos em silêncio. Marcel tinha razão. Naquela noite foram para suas casas mais angustiados do que de costume. Nem mesmo a tradicional taça de vinho servida pelo senhor Farias os havia acalmado.

Também o taberneiro estava pensativo enquanto limpava as mesas após fechar o estabelecimento. Conhecia Marcel desde criança. Sempre fora um moleque alegre, conversador. Dera muito trabalho aos pais, aprontando por aí. Agora era um belo jovem, muito querido e preocupado com seus amigos.

O velho Farias temia por Marcel. Nunca dera muito bom resultado falar mal dos nobres. Ela já ouvira muitas histórias em sua taberna, histórias que eram contadas por visitantes de passagem, sobre homens que lutavam contra os poderosos senhores. Tentou afastar aqueles pensamentos de sua cabeça e recolheu-se.

Capítulo III

Iolanda contempla-se no espelho. De repente, sem querer a jovem puxou-lhe uma mecha de seus longos cabelos.

- Ai, maldita! Cuidado! – e dizendo isto deu um forte empurrão na infeliz que caiu ao chão.

- Perdão, senhora duquesa... não tive a intenção!

- Saia daqui, já! Mande chamar Corina para fazer isto em seu lugar – esbravejou.

A jovem saiu chorando a fim de cumprir a ordem de Iolanda. Em pouco tempo, chegou Corina que com as mãos trêmulas de medo iniciou o trabalho não concluído.

- Rápido! Não tenho o dia inteiro para ficar aqui esperando!

Iolanda estava impossível naquela manhã. Irritava-se pelo fato de Victor não realizar o que pedira. Dali a uns dias o esposo estaria de volta e aí tudo ficaria mais difícil.

- Agora, vá e diga a Victor que quero vê-lo na biblioteca.

Quando desceu, o administrador já estava à sua espera.

- Então? Que fez a respeito daquela questão confiada a você?

O pobre homem não sabia mais o que fazer.

- Senhora... como lhe disse, tenho que pensar em algo que não levante suspeitas... Marcel é muito estimado e...

- Cale-se! Pouco me importa o que pensam dele estes miseráveis aldeões! Tive uma ideia melhor... – e olhando-o profundamente continuou:

- Minha ideia inicial de dar-lhe uma surra para servir de lição poderá, ao invés de fazê-lo calar-se, aguçar ainda mais a sua língua e, depois, como você mesmo disse, poderia despertar suspeitas sobre quem o teria feito! Então, decidi que você deverá matá-lo!

Victor emudeceu. Teve que apoiar-se na mesa para não cair tamanho o susto que levou. Iolanda continuou:

- Claro que você deverá fazer com que pareça um acidente. Neste caso, ninguém suspeitará de nada e nós estaremos definitivamente livres dele!

- O que você tem hoje, Victor? – perguntou a mulher preocupada. Desde que chegou em casa, o homem não havia trocado uma palavra.

- Está doente? – insistiu.

- Não se preocupe, Luíza. Apenas tenho algumas questões para resolver para a senhora duquesa que estão me deixando nervoso.

A mulher serviu o jantar. Os gêmeos já estavam dormindo.

- Maria a cada dia aprende novas palavras. Está cada vez mais esperta! - Luíza falou sobre os filhos na esperança de entabular uma conversa com o marido. Seu silêncio a estava deixando nervosa -

- Júlio, no entanto, nem quer saber de conversar! Em compensação, abriu nosso armário colocando as roupas todas para o chão! Está muito peralta!

Victor não conseguia nem comer. Precisava resolver a situação. Recolheu-se mais cedo a fim de descansar. Em vão. Na madrugada, levantou-se, pois não conseguira dormir. Luíza veio ao seu encontro.

- Vamos, fale o que está acontecendo! Você nunca me escondeu nada! Quero ajudá-lo!

Victor que tentara controlar-se até aquele momento, deixou o nervosismo explodir através do choro alto, que assustou Luíza. Depois, desabafou:

- Não sei o que fazer! Estou perdido! A senhora duquesa pediu-me para fazer um serviço para ela. Algo que não quero fazer. Mas, por outro lado, se não fizer, tenho medo do que acontecerá comigo!

- Você está louco? É claro que você deverá cumprir com as suas ordens! Não deve desobedecê-la!

- Luíza... é algo horrível! Não terei coragem... Ela quer que eu mate Marcel...

A mulher emudeceu. Permaneceram lado a lado por muito tempo e depois foram dormir. No dia seguinte, Luíza ainda pensava no assunto. Eram pessoas honestas, trabalhadoras. Por que uma coisa assim tinha acontecido em suas vidas? Viviam tão bem desde que o marido conseguira aquele cargo. O que recebia era razoável, viviam confortavelmente numa boa casa que Victor havia conseguido comprar. Nada lhes faltava.

Luíza era uma jovem religiosa, ia à igreja e gostava de ajudar as pessoas. Matar alguém é um pecado muito grande!

Pensou nestas coisas durante todo o dia. Nem mesmo o trabalho dobrado que tinha junto aos filhos a fizeram esquecer aquele assunto.

Victor, por sua vez também estava tenso. Pensou em falar com Marcel mas, impetuoso como era o jovem, temia que ele fizesse um escândalo na aldeia! Neste caso, a duquesa o consideraria um traidor e ele estaria perdido.

Capítulo IV

Marie cavalgava pelos campos verdes e cheios de flores. Sua mãe não queria que passeasse desacompanhada, mas a jovem não gostava de companhia nestes momentos. Gostava de ficar sozinha, apreciar a natureza, as flores...

No dia anterior descobrira um local lindo, no alto de uma colina de onde podia ver ao longe, as plantações, o vale, o castelo. Amava aquele lugar! Como gostaria de ser livre, poder ir além daqueles campos, em seu cavalo! Deitada na relva sorria ao pensar nestas coisas! Sua mãe ficava horrorizada ao ouvi-la.

De repente, seu cavalo assustou-se. Ela tentou pegá-lo, mas em vão. Marie viu-se sozinha, a pé e bem longe de casa!

- Bem, talvez um duende tenha lido meus sonhos de liberdade e tratou de mandar meu cavalo embora! Agora sim! Estou só!

O divertimento inicial deu lugar à preocupação. E quando anoitecesse? O sol já estava baixo. Conseguiria chegar em casa antes do entardecer?

Estremeceu ao pensar nisto.

Voltou até o alto da colina de onde poderia ter uma visão melhor da região e então decidiria o que fazer. Ao longe avistou plantações, campos, o vale. Sua casa estava muito distante e para chegar lá precisaria horas de caminhada a pé. Resolveu seguir na direção das plantações. Por lá deveria haver alguém que pudesse ajudá-la.

Marcel terminara de alimentar os animais. Adquirira mais algumas vacas leiteiras e passaria a produzir queijos. O sol já se punha e uma chuva forte começava a cair. Lembrou dos tempos de menino em que, apesar dos protestos da mãe, tomava banho de chuva brincando nas poças de água.

Pensava nestas coisas quando ouviu os cães latindo. Então, ouviu os gritos. Marcel seguiu na direção dos animais que não davam trégua. Aproximou-se e encontrou uma pessoa caída. Estava toda suja de lama. Pegou-a nos braços e levou-a para dentro de casa e tirou a roupa encharcada

- Mas... é uma jovem! – constatou encabulado.

Marie estava em trajes de montaria, com os cabelos presos. Por esse motivo, ele não percebeu que era uma mulher. Constatou que ela não estava ferida.

Após algumas horas, Marie acordou. Tentou levantar-se e percebeu que estava apenas com os trajes íntimos. Olhou para o lado e viu algumas roupas. Vestiu-as e saiu do quarto.

- Olá... Marcel estava em frente ao fogo. Voltou-se ao ouvi-la.

- Olá – respondeu meio sem jeito.

Permaneceram assim, olhando-se por alguns minutos. Marcel quebrou o silêncio.

- Sente-se aqui perto do fogo para aquecer-se. Vou lhe trazer um prato de sopa bem quente.

A jovem comeu em silêncio. Depois agradeceu pelos cuidados.

- Você mora sozinho? – perguntou.

- Moro com meus pais, mas eles foram ficar alguns dias em casa de parentes. Minha tia está doente e necessita cuidados.

Continuaram conversando por um bom tempo.
Parecia que eram velhos conhecidos.

- Onde você mora? Nunca a vi por aqui...

Pela primeira vez a jovem deu-se conta de que sua família deveria estar muito preocupada. Mas, estavam no meio da noite, precisaria esperar o dia amanhecer para voltar para casa. Enquanto isto, no palácio, Iolanda, desesperada, exigia que trouxessem sua filha.

- Corina! Alguma notícia de minha filha?

- Infelizmente ainda não, senhora...

- E Victor?

- Ele saiu acompanhado de mais alguns homens e ainda não voltou, senhora...

Quando o cavalo de Marie retornou sozinho, a duquesa foi logo informada do incidente. Começou a confusão no palácio. Ela exigia que todos saíssem à procura da jovem. Ao retornarem, Iolanda esbravejou:

- Ela deve ter ido mais longe! Vamos! Eu a quero de volta aqui logo...

Malcon, o chefe da cavalaria tentou argumentar:

- Senhora, não é seguro nos embrenharmos pelo bosque à noite e...

- O que me diz? Acaso se recusa a procurar minha filha? Não quero saber de desculpas, saiam todos à sua procura, nem que tenham que ir mato à dentro!

E voltando-se para Victor, falou:

- E você, o que faz aí parado? Vamos, vá também fazer alguma coisa!

O dia estava amanhecendo. Marcel não havia dormido quase nada naquela noite. Ficara impressionado com a jovem. Sua beleza e seu modo de falar o encantaram. Levantou-se, pois tinha muitas tarefas para realizar naquele dia. Quando estava preparando o café Marie apareceu:

-Bom dia! – cumprimentou-o.

Permaneceram comendo em silêncio até que ouviram barulhos de pessoas que se aproximavam da casa. O alarido dos cachorros os fez levantar rapidamente. Vários homens a cavalo pararam diante dos jovens assustados. Marie reconheceu os serviçais do castelo.

- Procuram por mim...

- Senhorita... está bem? – perguntou Victor.

Antes mesmo de esperar a resposta, nervosamente um serviçal desceu e a conduziu ao cavalo.

- Sua mãe está desesperada. É melhor não nos demorarmos!

Marie voltou-se para Marcel e agradeceu-lhe:

- Obrigada por tudo!

A comitiva partiu com pressa enquanto Marcel digeria os últimos momentos. “É filha do duque... claro! A bela moça de quem tanto falam!”

Naquela noite, apesar do cansaço, o rapaz custou a conciliar o sono. Pensava na jovem e nas horas em que permaneceram conversando. Ela o impressionara muito.

Capítulo V

Iolanda consumia-se de ódio em seus aposentos. A filha fora resgatada logo pela manhã. O alívio inicial deu lugar a muita inquietação quando soube onde ela estivera. Iolanda percebera no relato da filha seu agradecimento ao jovem Marcel que a salvara.

- Nem sei o que teria sido de mim se tivesse permanecido ao relento, encharcada dos pés à cabeça, durante a noite... – comentou no almoço.

A orgulhosa duquesa não gostava de dever favores a ninguém. Mais tarde a sós com Victor, incumbiu-lhe da tarefa de recompensar o rapaz.

- Procure Marcel, dê-lhe uma boa quantia de dinheiro pelo que fez!

Quando o administrador retornou e comunicou-lhe que Marcel recusara firmemente a recompensa, Iolanda explodiu de raiva. Porém, naquela noite estava mais tranquilo em casa. Acreditava que a duquesa desistiria de matar o jovem Marcel depois dele ter salvado a vida de sua única filha. Externou seus pensamentos à esposa.

- Não creio, Victor. A senhora duquesa é muito orgulhosa e seu temperamento não deve ter visto com bons olhos o fato. Se odeia Marcel, não deve querer dever favores a ele.

Victor lembrou o desagrado de Iolanda quando comunicou-lhe que Marcel recusara o dinheiro. A mulher continuou:

- Algo me diz que a duquesa ainda tem em mente aquela ideia. Victor sabia que a esposa tinha razão. A alegria inicial cedeu lugar à preocupação. E foi com esses pensamentos que adormeceu.

Na manhã seguinte, Marie acordou muito bem. Foi passear no jardim onde todas as manhãs encontrava-se com Greg, seu fiel amigo, encarregado de cuidar das mais variadas espécies de flores, ervas e árvores que ali existiam. O rapaz não falava, mas, comunicava-se muito bem com Marie. Era aleijado, sua aparência causava espanto naqueles que o viam. Fora abandonado no castelo ainda menino. O duque que era um homem bondoso, mandou que o recolhessem e cuidassem dele.

Iolanda não aprovou a decisão, mas nada pode fazer contra a permanência do garoto, que cresceu entre a criadagem e aprendeu o ofício do antigo jardineiro.

Muitos riam do pobre rapaz que cresceu sem amigos além do velho jardineiro. A duquesa que sempre rejeitara aquela figura grotesca, não permitia que sua filha o visse.

Certo dia, porém, quando criança, Marie viu-o trabalhando no jardim e não teve medo. Greg tentou esconder-se, mas, a menina chamou-o. Gostou dele, apesar da revolta da mãe e com a aquiescência do pai, tornaram-se amigos. A partir daquele momento, ninguém mais ousou maltratar o rapaz que tornou-se o protegido de Marie.

A jovem agora relatava ao amigo a aventura do dia anterior e seu encontro com Marcel. Greg manifestou-se e Marie como o compreendia sempre, surpreendeu-se com a revelação:

- Como? Você o conhece?

A jovem soube que ele não apenas o conhecia, mas

eram amigos.

Assim como ela, Marcel apreciava muito Greg, tratava-o com carinho. Conversaram um longo tempo até que Corina veio chamar Marie a mando da duquesa.

- Marie, como se sente hoje? Dormiu bem?

Descansou da noite mal dormida?

Sem dar muita chance para respostas, Iolanda continuou:

- Deve ter sido horrível, minha querida, pernoitar naquele casebre, com acomodações tão desconfortáveis e...

Marie interrompeu a mãe:

- Mamãe, por favor, não fale assim. A casa de Marcel não é um casebre, e dormi muito bem a noite, bem instalada, aquecida e alimentada. Não tenho motivos para queixar-me!

Iolanda reprimiu o comentário. Não queria que a conversa terminasse em discussão como em outras ocasiões.

- Está bem! E quanto ao rapaz, comportou-se dignamente com você?

A jovem sorriu.

- Marcel foi um cavalheiro, minha mãe.

Comportou-se melhor do que aquele jovem barão que a senhora insistiu em apresentar-me e que tentou aproveitar-se da jovem filha de...

- Ora, basta com esta conversa! Já encerramos este assunto! Mas, certamente, o jovem camponês tratou-a assim, pois sendo você filha do duque...

- Engana-se, minha mãe... Marcel apenas soube quem eu era quando Victor resgatou-me na manhã seguinte. É da natureza de Marcel tratar a todos com respeito e dignidade! A senhora sabia que ele também é muito amigo de Greg? Ele me contou que certa vez um grupo de rapazes tentou apedrejá-lo e que Marcel o salvou. Desde então têm sido amigos.

Iolanda mal conseguia conter a raiva. As palavras da filha a irritaram profundamente. Era uma mulher experiente e percebera a admiração da jovem pelo camponês. Precisava fazer algo para concretizar seus planos anteriores de eliminá-lo. Mas, desta vez, não contaria com Victor.

Na manhã seguinte acordou-se com a algazarra dos serviçais. O duque retornara da corte. Mais tarde, em conversa com o marido, a duquesa indagou:

- Voltou mais cedo do que o esperado, meu querido! Retornará à corte em seguida?

- Não será necessário. Os assuntos que me preocupavam foram resolvidos a contento. Pretendo voltar à corte somente em meados do Outono.

Dirigindo-se à filha falou:

- Que pensa minha filha a respeito de uma temporada na Corte?

Marie adorava viajar, mas, não gostava da vida na Corte. Na última estação, quando foi apresentada pelos pais à sociedade, frequentou os bailes, os teatros, os jantares, achou tudo terrivelmente tedioso. Não gostou dos assuntos e tampouco, das pessoas, que lhe pareceram frias e fúteis.

- E se ao invés de permanecermos na corte, viajarmos até os Pirineus?

Iolanda contrariou:

- Como?! Já não está cansada de mato e quietude, Marie? Nada disso! Seu pai tem razão. Vamos à Corte! Todas as jovens de sua idade adoram a algazarra dos salões, as conversas com os rapazes... O duque arrependeu-se de ter tocado naquele assunto. Sabia que a filha era muito diferente da mãe. Era como ele. Adolf era um homem simples. Gostava da vida no campo, do convívio com todos aqueles que tinham a alma como a sua, independentemente da linhagem, tão valorizada por todos.

Tão absorvido pelos seus pensamentos que nem percebeu que a esposa e a filha discutiam.

- Ora, por favor! Se soubesse que meu convite seria mais um motivo de discórdia entre vocês, não o teria feito! – declarou contrafeito.

- Esta menina anda impossível, Adolf! Quer governar-se! Não respeita a mim, que sou sua mãe!

O duque olhou a filha que de cabeça baixa tentava disfarçar as lágrimas.

- Marie, vá dar uma volta por aí. Ainda é cedo para decidirmos sobre isto!

Depois que a jovem saiu, Adolf encarou firmemente a mulher:

- Você não perde uma oportunidade de criticá-la! Está sempre cobrando sua postura, seus gostos... Quer obrigá-la a ser igual a você!

- Lá vem você novamente defendê-la! – esbravejou – Se continuar assim tão rebelde e teimosa será muito difícil encontrar um marido para ela! Aquele belo e elegante rapaz que veio hospedar-se com os Wilson apenas para estreitar laços conosco, foi humilhado e escorraçado por nossa filha! E veja quem são suas companhias preferidas! Os cavalos e um aleijado que sequer sabe falar!

O duque silenciou. Ele compreendia e aceitava a filha. Compartilhava de muitas de suas opiniões mas, seria impossível mudar o ponto de vista da mulher para quem todos os possuidores de títulos e riquezas eram elegantes, não importando suas atitudes e seu caráter.

- Você não está ouvindo uma palavra do que eu estou lhe dizendo – queixou-se a duquesa.

Adolf encarou a esposa que esperava uma resposta.

- O que foi que você perguntou?

Iolanda explodiu:

- Está vendo? Eu tenho razão! Vocês sequer me escutam. Um dia verão que tenho razão em tudo o que digo. Mas, eu lhe perguntava sobre Marie. Você já decidiu sobre seu casamento?

- Ora, Iolanda, Marie é ainda muito jovem!

- Não podemos esperar muito, pois ela torna-se cada dia mais impossível! Quer fazer tudo conforme a sua vontade e em pouco tempo não aceitará mais a nossa intervenção!

A duquesa continuou falando por um longo tempo até que o duque deu uma desculpa e retirou-se.

Capítulo VI

Já fazia horas que Marie estava fora de casa. Logo após a discussão com a mãe saíra a cavalo. Queria arejar suas ideias, acalmar-se. A mãe sempre a deixava deprimida. Eram muito diferentes e à medida que os anos se passavam, a jovem sentia que se afastavam cada vez mais.

Identificava-se muito com o pai. Este, sim, a compreendia e amava. Passavam horas conversando, debatendo assuntos. O duque sempre a incentivara a ler os livros que havia na imensa biblioteca do castelo.

Sua mãe, como sempre, a criticava. Não gostava de ver Marie entretida com ensaios filosóficos e romances modernos. Mas, como tinha a permissão paterna, Marie tinha livre acesso a tudo o que quisesse ler. Pensava nestas coisas quando relembrou as duras palavras maternas “Vamos providenciar um marido para você! E bem depressa, antes que todas as boas famílias saibam que você é uma jovem rebelde e não se porta como uma moça fina e educada deve se portar!”

Novamente o pranto voltou. Chorou alto sem reprimir seu sofrimento, afinal, não havia ninguém por perto. Marcel que estava sentado em cima da árvore, desceu bem devagar para não assustá-la, sentou-se ao seu lado na relva e esperou que a jovem se acalmasse.

Quando Marie percebeu-o ali, levou um susto.

- Há quanto tempo está aqui?

- Tempo suficiente para ouvi-la dizer o quanto é infeliz – informou o rapaz sorrindo levemente.

A jovem corou envergonhada.

- Não é muito elegante aproximar-se das pessoas a fim de espioná-las! – repreendeu-o.

- Ora! Eu cheguei aqui primeiro! Se você queria estar só deveria ter procurado um outro lugar! – riu.

Então ele apontou para os galhos da enorme árvore. Marie soltou gostosa gargalhada. Ambos riram muito.

- Venho aqui desde criança. É meu esconderijo. Refugio-me aqui nos momentos de tristeza para refletir sobre as coisas.

- Bem, agora percebo que não fui a única a ter esta ideia.

Marcel começou a falar com tanta naturalidade, sobre sua infância, as peraltices de menino, que Marie logo esqueceu-se da vida. Foi o rapaz quem a advertiu:

- Está ficando tarde.

Marie, então, deu-se conta do avançado da hora. Ao levantar apressadamente quase caiu e foi amparada pelo jovem. Ficaram por alguns minutos se olhando. Meio embaraçado Marcel falou:

- Vou acompanhá-la. Você está bem longe de casa. Fizeram o trajeto em silêncio. Quando estavam bem próximos ao castelo. Marcel despediu-se:

- Não é bom que a senhora duquesa me veja por aqui. Até logo... senhorita!

- Por favor, me chame apenas de Marie. Afinal, somos amigos.

Marie custou a dormir naquela noite. Não parava de pensar em Marcel. Impressionou-se com as coisas que ele contou. Como eram parecidos! Já era madrugada quando adormeceu. Na manhã seguinte, acordou com uma sensação

estranha. Em seus sonhos encontrara-se com Marcel, parecia que sua voz ainda ecoava na sua mente.

Marcel também custou a conciliar o sono naquela noite. Pensava em Marie. Naquele primeiro encontro quando a salvara, ele já ficara impressionado pela moça. Agora, um sentimento estranho invadia seu peito. Tentou afastar estas ideias. Afinal, ela era uma nobre e ele não deveria estar se sentindo assim. Porém, não conseguia controlar seus pensamentos.

À tarde foi até a aldeia. Sentado em frente ao Senhor Farias com quem negociava a venda de seus queijos, Marcel com muito esforço concentrava-se no assunto.

- Meu rapaz! O que está acontecendo com você?

Marcel assustou-se diante da pergunta. Corou levemente e tratou de desconversar.

- Ora, Senhor Farias, não há nada!

- Conheço você desde que era garoto e escondia-se atrás deste balcão a me puxar nas calças! Você já errou várias vezes seus cálculos! Isso não é normal.

Marcel calou-se. O amigo tinha razão. Ele estava diferente. Desde aquele último encontro com Marie ele não conseguia concentrar-se em suas tarefas!

- Será que há alguma garota por trás de seu olhar distante?

Marcel resmungou algumas palavras negando, mas o experiente Farias soube naquele momento, que o jovem Marcel estava apaixonado. Devido ao embaraço do rapaz, resolveu não insistir no assunto. Muito tempo depois de Marcel ter deixado a taberna, Farias ainda lembrava da conversa. Pensava, curioso, quem seria a jovem que conseguira atrair a atenção do rapaz.

- Melhor assim! Um casamento poderá sossegá-lo!

Capítulo VII

Alguns dias se passaram. Marie tentara entregar-se à leitura a fim de afastar de sua mente a imagem de Marcel que ela não conseguia esquecer desde o último encontro.

- Tenho a impressão de que já o conhecia...

- Falando sozinha, minha querida? - O duque aproximou-se e abraçou-a com carinho.

- Papai – voltou-se e retribuiu o carinho. - Eu estava aqui pensando alto! – explicou-se.

- Recentemente encontrei-me pela primeira vez com alguém, mas a sensação é a de que somos velhos conhecidos.

- Hum... eu conheço este alguém?

Apesar da amizade que nutria pelo pai, a jovem não quis falar-lhe sobre Marcel. Temia que o pai percebesse seus sentimentos. Não sabia como ele iria reagir.

- Não, você não o conhece...

- *O* conhece? Então suponho que é um rapaz?

- Não... sim... é um jovem das redondezas...

Encontrei-me com ele um dia desses enquanto

cavalgava...

O duque percebeu o embaraço da filha. Resolveu não insistir. Conversaram sobre vários assuntos. O diálogo entre eles fluía fácil, agradável. Adolf não entendia como a mulher implicava tanto com Marie! Ela era uma jovem encantadora. O duque apreciava a inteligência feminina.

Quando Marie começou a demonstrar interesse por filosofia, história e outras ciências, ele lhe aprovou a escolha e tratou de oferecer-lhe o que de melhor se produzia na época nestas áreas.

Homem de ideias avançadas e arrojadas para sua época. Desde cedo o duque também se interessara por assuntos não muito apreciados pela maioria de seus contemporâneos. A astronomia era a sua grande paixão.

Os conhecimentos científicos o afastaram da religião. Sua mente fervilhando de perguntas exigia respostas. Qual a origem da vida? Haveria realmente um céu e um inferno a esperarem pelos mortos? Em que local do espaço sideral localizavam-se estes lugares?

Eram muitas as indagações e o jovem duque via-se cada vez mais descrente de tudo o que lhe haviam ensinado. Seu irmão mais jovem ingressara na igreja. Muito debatiam a respeito e muitas discussões acirradas tiveram.

Agora, diante de seus velhos livros, muitos deles proibidos pela igreja, pensava sobre sua vida. Não tinha com quem conversar a respeito de certos assuntos. Raras vezes encontrava-se com amigos que compartilhavam suas ideias. Sentia-se sozinho. Seu casamento não lhe trouxera felicidade. Fora arranjado pelas famílias levando em conta apenas interesses.

Adolf até tentara no início de sua vida com Iolanda, aproximar-se, sondar-lhe a alma. Logo percebeu a futilidade de suas ideias e o caráter orgulhoso. Mas, a vida lhe presenteara Marie... Sua amada filha e grande amiga! Tremia ao pensar que Iolanda pudesse magoá-la obrigando-a a consorciar-se a um destes jovens nobres que nada tinham em comum com o caráter sensível e investigativo da filha. Não! Isso ele não admitiria!

- Papai... sobre o que pensa? Não ouviu nada do que falei!

- Perdão, minha querida, pensava nas suas palavras quando aqui cheguei...

Marie emudeceu. Perspicaz, o duque percebeu sua reação e completou:

- Você dizia, referindo-se ao rapaz que recentemente encontrou: *parece que eu já o conhecia*, não foi isso? Bem, li a respeito deste assunto em alguns livros.

- Como assim, papai? – perguntou Marie.

Adolf, então, falou acerca de assuntos que há muito desejava abordar com Marie.

- Há quem diga que não vivemos somente uma existência sobre a Terra, mas várias! Através dos séculos, vamos desenvolvendo laços de afeto com muitas pessoas, e quando reencontramos algumas delas, nossa alma as reconhece imediatamente!

Marie ficou impressionada com a revelação e completou:

- Então, o mesmo deve dar-se quando reencontramos um velho inimigo...

O duque ficou surpreso com a dedução e a

assimilação daqueles conceitos pela filha. Resolveu ir mais fundo.

- Deus nos criou para sermos felizes. A felicidade está ao alcance de todos, depende das escolhas que cada um faz. Mas, a felicidade plena só será alcançada quando nos tornarmos pessoas melhores e aprendermos a viver sem apegos e em harmonia com nossos semelhantes. Não devemos contrair dívidas com ninguém, pois seremos convidados a saldá-las, mais cedo ou mais tarde.

- Como assim, papai? Contrair dívidas...?

- Nas inúmeras existências, nem sempre agimos de forma correta com as pessoas. Muitos, por egoísmo, maltratam, exploram e até mesmo são capazes de tirar a vida de alguém para garantir seus interesses. Vamos assim acumulando desafetos e antipatias. Mas, para que possamos gozar da plena felicidade, é preciso que nos reencontremos com estes inimigos para com eles nos harmonizarmos, fazendo o bem a quem antes fizemos o mal, recebendo afeto daqueles que outrora nos deram seu desprezo, sendo cuidado, protegido por quem, talvez, em outro momento, nos tenha tirado a vida.

- Nossa, isto é fantástico!

Encorajado pela receptividade da filha, o duque continuou:

- E assim, cada vida na terra, em corpos diferentes, representa uma nova oportunidade para o ser que caminha rumo à evolução, aprendendo coisas novas. Aquelas lições que não aprendemos em uma vida, aprenderemos em outra. Resgatamos nossos erros e enganos não através de castigo eterno, no inferno, como nos ensinaram, mas nas existências posteriores, onde sempre teremos a oportunidade de fazer melhor e não cometer os mesmos erros.

- Sim! Eu agora compreendo! Deus, sendo Bom e Justo, jamais nos enviaria ao inferno sem ao menos uma chance de arrependimento! O inferno não combina com a bondade e justiça de Deus!

Adolf nem conseguia acreditar no que ouvia! Marie o surpreendia sempre por sua sensibilidade e inteligência. Conversaram muito tempo até que Corina veio chamá-los para o jantar. Na mesa, Iolanda, séria e aborrecida, mal conversou. Ressentia-se com a intimidade entre pai e filha. Recolheu-se cedo.

Quando ela se retirou, o duque conduziu a filha novamente para a biblioteca e deu-lhe alguns livros para que lesse.

- Papai, me fale um pouco sobre o que acontece conosco à noite quando dormimos. Gostaria de saber mais sobre isto.

- Quando nossos corpos relaxam, adormecendo, nossos espíritos se libertam parcialmente, viajando para outros lugares, em busca de contato com pessoas com quem sentem vontade de estar. Podemos nos encontrar até mesmo com entes que já morreram e que nos são queridos, pois estes continuam vivos após a morte do corpo.

O duque fez uma leve pausa, emocionado.

- Encontrei-me diversas vezes com minha mãe, que faleceu ainda na minha infância. Eu a amava muito!

Marie sabia que o pai sofrera muito com a morte de sua mãe, mas ele pouco falava sobre isto. Ela então o abraçou forte. Como amava seu pai! Culpava-se por não sentir o mesmo por sua mãe, mas agora começava a entender. Talvez ambas tivessem diferenças a acertar nesta vida.

A conversa com ela era difícil, na maioria das vezes, brigavam. A duquesa era autoritária e intransigente. Segundo ela, Marie não fazia nada direito e a jovem se entristecia com isto. A mãe nunca conseguia enxergar seus acertos, não apreciava seus modos, vivia criticando-a e corrigindo-a. Seu pai, ao contrário, a valorizava e apreciava sua companhia, e como fluía fácil a conversa entre eles! A fala do pai interrompeu seus pensamentos. O duque tomou alguns livros e entregou-os a filha.

- Marie, leia-os com muita atenção. São livros proibidos desde a Inquisição. Depois mostrou a ela um compartimento secreto onde deveria guardá-los após cada leitura.

Marie exultou. Despediram-se. Em seus aposentos, Marie entregou-se à leitura. Quando o duque recolheu-se já era muito tarde. Iolanda ouviu quando subiu. Em seu quarto, ela não conseguia dormir. Um sentimento de raiva incontrolável tomava conta de si. Odiava tudo e todos! Marie jamais conversou com ela durante tanto tempo! Ela, que era sua mãe, se preocupava tanto e lhe queria o melhor!

Desde a infância procurou ensinar boas maneiras, como se portar em sociedade. Deu-lhe uma ótima educação, capaz de fazê-la brilhar nos mais exigentes salões! Na última temporada, Marie havia encantado muitas famílias. Vários rapazes interessaram-se por ela. Lolanda, inclusive, preocupada em escolher o melhor de todos, havia pesquisado sobre as famílias dos moços, seus bens, sua situação na corte... Em vão! Era uma mal agradecida! Se dependesse do duque, Marie nunca se casaria! Ou pior do que isto! Permitiria que ela mesma escolhesse o consorte! Pelas ideias da filha, logicamente a escolha seria um fracasso! Mas, ela não iria deixar isto acontecer.

Lolanda não compreendia a filha. Marie tinha tudo o que uma jovem poderia desejar. Tinha beleza, belas roupas, joias. Era descendente de uma nobre linhagem de duques. Por que era tão insolente? Ela apenas queria que a filha se comportasse com uma jovem de sua classe! Mas, ao contrário da mãe, que sempre obedecera seus pais, Marie preferia a companhia das cozinheiras e arrumadeiras! Sem falar do jardineiro aleijado!

Cheia de ressentimento, a duquesa adormeceu.

Em seus aposentos, Adolf refletia sobre a conversa com a filha. Orgulhava-se dela. O duque acreditava na reencarnação e em outros conceitos não divulgados e aceitos pelo pensamento católico vigente.

Há muitos anos atrás, em viagem a Paris, encontrou-se com amigos que lhe convidaram a ingressar na Ordem Rosacruz. Os estudos Rosacruzes encantaram o jovem duque que obteve, então, respostas para muitas perguntas que lhe perturbavam o espírito. A Ordem Rosacruz buscava desenvolver a sabedoria através de estudos que iam desde a cabala, filosofia, astrologia, mitologia e alquimia. Para os Rosacruzes, o autoconhecimento era a chave para a paz do indivíduo e para o bem estar da humanidade.

Capítulo VIII

Estava um lindo dia. Depois daquele encontro com Marcel, Marie não mais saiu. Neste dia, porém, resolveu cavalgar. De longe o avistou sentado naquela mesma árvore. Seu coração acelerou. Marcel, ao vê-la aproximar-se também sentiu-se inquieto. Há dias vinha sempre até aquele local na esperança de revê-la.

- Bom dia, Marcel.

- Bom dia.

Ele a ajudou a descer do cavalo. Olharam-se permanecendo alguns minutos em silêncio. Nenhum dos dois sabia o que dizer. Foi Marcel quem iniciou o assunto.

- Achei que estivesse adoentada.

- Não. Estive envolvida com alguns livros que papai me emprestou. São tão interessantes que não consegui largá-los!

- Sobre o que falam? – perguntou curioso.

- Ah! Muitos assuntos: filosofia, religião, ciência...

Do que gosta mais?

Embora fosse hábil na arte de conversar, expressando-se com clareza e desenvoltura, Marcel não sabia ler e escrever.

- Bem, filosofia eu não sei o que é. Religião? Não, não gosto de religião, embora acredite em Deus. Em minha opinião os padres com suas pregações só ajudam a perpetuar as injustiças, a miséria, pregando a eterna submissão e abnegação. O padre da vila, por exemplo, ensina seus fiéis a jejuarem, afastarem-se do luxo, não desejarem a riqueza... mas, ele mesmo vive muito confortavelmente em uma boa casa! – disse isto de uma forma tão séria que Marie desatou a rir.

Marcel a olhou e ela desculpou-se.

- Desculpe. Não estou rindo de suas ideias! Mas, você falou de um jeito tão engraçado que não contive o riso.

Como ele ainda continuasse sério, Marie comentou:

- Também concordo com você!

Ele suavizou a expressão do rosto e falou ironicamente:

- Mas, vivendo naquele castelo e pertencendo a uma família nobre, não deve saber o que é a vida dos que pouco ou nada tem!

- Está enganado, Marcel! Sei exatamente quantas injustiças são cometidas, quanta miséria existe neste mundo. Não vivo alienada, como pensa!

Marcel percebeu que a jovem ofendera-se com seu comentário.

- Desculpe, não quis ofendê-la.

- Meu pai tem realizado benfeitorias entre os camponeses. Suas vidas têm melhorado muito.

- Em compensação, seu avô...

Marie engoliu em seco. Sabia que ele tinha razão. Muito se falava na região a respeito dos desmandos do velho duque. Marcel não queria brigar com Marie. Sendo ela uma nobre jamais o entenderia. Resolveu mudar de assunto.

- Gostaria de ter aprendido a ler...

Marie surpreendeu-se com a revelação.

- Não esqueça, senhorita, que os filhos daqueles que trabalham para os nobres, não têm tempo para perder com livros. Muito cedo suas mãos estão ocupadas com os cabos das enxadas...

Marcel, embora não quisesse brigar com a jovem, não conseguia evitar os comentários sarcásticos. Aquele era um assunto que sempre o tirava do sério. Marie levantou-se e montou em seu cavalo. Sabia que Marcel tinha razão em magoar-se com as injustiças, mas, não queria que descontasse nela. Ofendida, foi embora. Marcel nada fez para impedi-la. Permaneceu ali sentado ainda por um bom tempo.

- Melhor assim! Não podemos, mesmo, ser amigos!

Marie entrou em casa furiosa. Marcel falara de um jeito como se quisesse agredi-la! Que culpa tinha ela se havia pobres e ricos no mundo? O pai que a viu chegar, foi ao seu encontro.

- Que houve, Marie? Você parece contrariada!

Ela nada falou, apenas jogou-se nos braços do pai e chorou. Permaneceram assim um bom tempo. Adolf esperou que ela se acalmasse e falasse espontaneamente.

- Não é nada, papai. Apenas briguei com uma amiga...

O duque não insistiu e iniciou outro assunto.

- O que achou dos livros?

- Ótimos! – comentou empolgada – Nunca tinha lido nada parecido!

O duque satisfeito por ter alguém com quem conversar, continuou o assunto:

- O que mais despertou sua atenção até agora, querida?

- Oh! Muitas coisas! Tudo me pareceu muito interessante!

Depois de um breve silêncio em que lembrou sua conversa com Marcel, Marie comentou:

- A Lei de Causa e Efeito explica as diferenças e injustiças que vemos no mundo. Por que Deus faria pobres e ricos, senhores e servos sem uma causa anterior que justificasse estes papéis?

- Sim. Através dos séculos vestimos roupagens diferentes, sempre buscando a superação de nossos defeitos e o desenvolvimento de nossas virtudes!

- Ainda assim, acho triste ver pessoas, principalmente crianças sendo maltratadas, passando por necessidades...

- É difícil aceitarmos as crueldades e nada,

nada mesmo, justifica que alguém oprima e maltrate seu semelhante! Mas, como temos o livre arbítrio, embora tenhamos vindo para praticar o bem e a justiça, nossos instintos falam mais alto e acabamos cometendo crimes do qual nos arrependemos amargamente mais tarde!

- Papai, penso nos camponeses. As crianças não sabem ler e escrever!

O duque emocionou-se diante do comentário. Sempre pensara assim. Ele, que era um apreciador das leituras, da arte, lamentava profundamente que à muitas pessoas, isto tudo fosse negado.

- Infelizmente, não somos nós quem fazemos as regras deste mundo! Também lamento as injustiças e tenho tentado auxiliar a todos os que trabalham neste Ducado, amparando os velhos e doentes, cuidando para que as necessidades básicas das famílias sejam respeitadas.

A filha silenciou. Sabia que era verdade.

Enquanto isto, Iolanda sozinha, cada vez mais se ressentia da afinidade entre pai e filha. Em certos momentos, chegava a odiá-los!

Através da janela, Greg que cuidava do jardim, observava a fúria da senhora. Imperceptível aos olhos de todos, mas não aos do jardineiro, estava o espírito do velho duque.

O conde desencarnara há muitos anos. Porém, não encontrara descanso, permanecendo no castelo. Não sabia sobre seu estado. Considerava-se ainda o senhor de tudo aquilo e não compreendia porque o ignoravam! Ninguém mais atendia suas ordens ou lhe dava atenção. Quando percebeu que o filho tomou a frente das coisas desprezando a sua vontade, ele ficou indignado!

- Ponha-se em seu lugar, Adolf! Eu ainda estou no comando aqui!

As mudanças realizadas pelo filho o deixaram enfurecido!

- Malditos camponeses! Devem estar fazendo ameaças e meu filho, como é um frouxo, cede!

O novo duque era um homem muito bom e a vibração positiva que mantinha em função de seus pensamentos e ações, impediam que o pai o prejudicasse. O velho duque sequer suportava permanecer muito tempo próximo ao filho.

O mesmo acontecia com Marie. Ele nunca fora muito ligado à neta, mas, em função da solidão em que *vivia*, tentou aproximar-se não recebendo dela qualquer retorno. A única que lhe dava atenção era a nora Iolanda. Esta sim pensava como ele e ouvia seus conselhos. Ultimamente, eram amigos inseparáveis...

- Iolanda, seu marido é um covarde! Onde já se viu dar tanta regalia para aquela gente! O culpado é aquele moleque!

O velho duque referia-se a Marcel. Iolanda captava-lhe as palavras, afinava-se com ele, pois era também má e orgulhosa.

Iolanda sentiu-se mal. O velho duque percebeu e aproximou-se ainda mais. A duquesa desmaiou. Pela janela, vendo o que acontecia, Greg correu e chamou ajuda. Logo vieram os serviçais, o duque e Marie. A duquesa foi levada para o seu quarto e um médico foi chamado. Mas, nada mais havia para ser feito. Iolanda desencarnara, vítima de um ataque cardíaco.

SEGUNDA
PARTE

Capítulo IX

Iolanda caminhara durante horas. As lembranças da antiga casa, de sua vida e da família a castigavam ainda mais do que a fome e o vento forte.

“Vai chover!”, pensou. De vez em quando aconteciam tempestades horríveis por ali. Ventos fortíssimos e uma chuva intensa caía sobre a região.

“Pelo menos vou poder ver um pouco as estrelas!”

Depois das tempestades, o ar ficava menos denso e até era possível visualizar a noite com suas estrelas brilhando...

Lembrou-se do marido que vivia apreciando o céu, estudando e observando as estrelas. Emocionou-se ao pensar em Marie ainda criança correndo para o colo do pai a fim de observar a lua cheia e a noite estrelada. Para ela eram tudo bobagens, agora, no entanto...

- Por que não fiz diferente? Por que simplesmente não deixo de existir e esqueço estas lembranças? Como posso ainda ter um corpo? E sentir frio e fome?

Olhou para sua perna que sangrava. “Como é possível?”, pensou. Lamentara não ter dado ouvidos ao marido. Adolf, algumas vezes até tentou conversar com ela sobre certas questões relacionadas à vida e morte.

Lembrou da filha... “Marie!” – E novamente começou chorar. Nunca se dera bem com a filha. Agora percebia que Marie tinha razão em muitas coisas.

“Se eu pudesse vê-la, abraçá-la...” Pensou também no esposo e em sua bondade.

“Ele era um grande homem... poderia ter aprendido muito com ele!”

Pensando nestas coisas, adormeceu. O cansaço era maior do que as demais sensações. Quando acordou, continuou a caminhar. Após algumas horas, percebeu que a paisagem começou a mudar um pouco. Algumas árvores e plantas davam ao lugar relativa beleza...

“Nunca havia visto nada disto por aqui!”

Entusiasmada, resolveu ficar por ali. Afinal, do que adiantaria vagar a esmo?

Iolanda encontrou uma bica de água onde pela primeira vez pode beber água limpa. Aquele lugar representava um pequeno oásis no deserto! Pensou em Kao.

"Como é possível que ele nunca tenha encontrado este lugar?"

Sua atenção foi despertada por um gemido. Iolanda procurou o lugar de onde vinha e encontrou um corpo caído em um declive no solo. Aquele ser estava tão fraco que não conseguia subir, permanecendo jogado ao chão. Iolanda correu para auxiliar o homem.

- Acalme-se, senhor...

Com muita dificuldade levou o infeliz andarilho para junto da bica, oferecendo-lhe água. Enquanto o homem sedento matava a sua sede, Iolanda trouxe-lhe algumas folhas, raízes e frutas diferentes que havia por ali. Saciada também a fome, o andarilho agradeceu:

- Nobre senhora, agradeço seu auxílio, nem sei há quanto tempo não me alimentava assim!

O velho andarilho chorou alto e forte:

- Ai, quantos enganos, quantas decepções!

Iolanda que sabia exatamente o peso da dor e do remorso, tentou consolar o ancião:

- Senhor, também muito chorei e lamentei os erros passados que me trouxeram para cá! Agora percebo o quanto me enganei, e quando nos damos conta destes enganos, nossa primeira reação é lamentar.

"Enquanto habitava o mundo dos vivos ia sempre às missas, mas nunca refleti verdadeiramente sobre o significado dos seus ensinamentos. Meu esposo, ao contrário, tinha ideias diferentes. Não frequentava igrejas, mas em muitas ocasiões o vi orando a Deus! Ele diversas vezes convidou-me a fazê-lo com ele, mas recusei-me! Penso agora, que não devemos lamentar nossa situação, pois ela é o resultado de nossa própria imprevidência!" – concluiu sua explanação com lágrimas nos olhos.

Passaram-se alguns dias e Iolanda percebeu que sua perna mostrava sinais de melhora. Comunicou o fato ao novo amigo com quem muito conversava, transmitindo força com suas palavras de consolo.

- É um milagre de Deus! – concluiu.

- Ora, não diga bobagens! Deus sequer sabe de nossa existência! Se sabe, nos castiga, esquecendo-nos!

- Não fale assim, senhor! Acaso não somos nós mesmos com nossas atitudes os responsáveis por estarmos assim? Não culpe a Deus!

Iolanda falou calmamente e o ancião calou-se constrangido. Sabia que ela tinha razão. Iolanda, então, curvou-se na terra e orou alto e com muita emoção:

- Senhor, sei que não mereço seu perdão por todo o mal que fiz! Tampouco lhe peço ajuda! Mas, permita que eu agradeça ao muito que tenho recebido! Após longo tempo vagando em sofrimento, tive a graça de encontrar este lugar: paraíso onde posso repousar! Encontrei também, um amigo para afastar a solidão e acalmar a tristeza que sinto de meus familiares! Agora, mesmo sem merecer tudo isto, ainda retira as dores que me acompanharam durante tanto tempo que eu já nem sei contar!

Iolanda continuou sua oração. Ao seu lado, o amigo emocionou-se com as palavras e acompanhou sua oração de agradecimento, prostrando-se ao solo. Nesta posição, não perceberam a chegada dos enviados de Deus que há muito esperavam a oportunidade de aproximarem-se. Intensa luminosidade tomou conta do local. Foi Iolanda quem os percebeu. Levantou-se assustada.

- Não tema, Iolanda. Somos enviados do Mestre Jesus e viemos buscá-la!

O medo inicial deu lugar a uma enorme confiança. Ao encarar aquele jovem alto, de olhar bondoso, perguntou:

- Há ainda felicidade para mim?

- Acaso um Pai bondoso desampara um filho?

O jovem estendeu-lhe as mãos, convidando-a a acompanhar-lhe. Quando voltou-se para seu infeliz amigo, percebeu que ele já havia sido amparado e encontrava-se nos braços de outros dois jovens que o conduziam. Então, seguiu a pequena comitiva, com lágrimas nos olhos, confiante de que muitas coisas boas aconteceriam dali para frente!

Capítulo X

Alguns meses se passaram desde aquele abençoado dia em que Iolanda e seu amigo de infortúnio foram resgatados e levados a uma comunidade. Iolanda nunca poderia imaginar que encontraria algo assim após a morte: casas, jardins, plantações.

Ao chegarem foram levados a um hospital onde médicos e auxiliares recebiam e tratavam dos necessitados.

"Estão todos mortos! Como podem ainda estar doentes, necessitando de cuidados médicos!"

Havia tanto a aprender! Iolanda logo recuperou-se mas Fernando, seu novo amigo, ainda necessitava de cuidados. Ele sofria pois permanecia apegado a velhos ressentimentos.

- É preciso perdoar e esquecer meu amigo! – alertava Iolanda - tenho aprendido tanto desde que aqui cheguei. Sei que não é fácil o desapego. Lembramos o tempo todo do que tivemos e deixamos para trás. As conversas com os abnegados irmãos aqui deste lugar têm me ajudado e ensinado muito.

Fernando com o olhar perdido pensava no passado...

- Sei que tem razão em tudo o que me diz! Ah se meus pais não tivessem feito comigo tudo o que fizeram eu também não teria... – o pranto rolou livre por seu rosto impedindo-o de continuar. Iolanda não sabia o que fazer, não sabia o que dizer para ajudar o homem.

- Manuel é o grande culpado! – explodiu Fernando cheio de raiva.

Enfermeiras vieram em seu auxílio, pois ele começou a passar mal. Quando ele já estava mais calmo, Antonieta, uma das mais antigas trabalhadoras daquela enfermaria falou a Iolanda:

- Nosso irmão precisa de cuidados e na hora certa vai compreender. Cada um tem a sua verdade e é muito difícil enxergar as coisas sobre o ponto de vista do outro.

- Compreendo... tem razão irmã. Eu mesma levei tanto tempo para perceber certas coisas, apenas gostaria de poder fazer mais por ele.

- Então ore por ele, Iolanda. E ofereça sua amizade, seu ombro amigo... dê tempo ao tempo!

Tempo ao tempo. Sim, nada como o tempo para curar as feridas da alma. Iolanda entregou-se ao trabalho e aos estudos. Esforçava-se cada vez mais para melhorar seu espírito. Mas, a saudade da família lhe doía demais.

- Ainda é cedo para isso, minha irmã! Uma visita agora à sua antiga morada na terra poderia lhe trazer mais dor que alegria... Tem estado tão bem! Os estudos, o trabalho junto aos irmãos necessitados que chegam todos os dias, recolhidos das zonas inferiores, têm sido para você uma oportunidade imensa de aprendizado. Procure deixar de lado as preocupações. Seus entes queridos encontram-se muito bem, confie! No momento oportuno, os visitaremos!

Já fazia algum tempo que Iolanda vinha pedindo aos mentores para visitar Adolf e Marie. Queria vê-los! Olhar para eles, matar a saudade. "Porque não permitiam esta visita? Como poderiam pensar que vê-los traria mais dor que alegria? Acaso não queriam que soubesse de algo? Estaria Marie sofrendo? Problemas com os filhos?"

Sabia pelos mentores que ela se encontrava

casada e que tinha 3 filhos. Ficara emocionada quando lhe contaram que Marie não se esquecera dela, colocando seu nome, Iolanda, na neta.

"Acaso Adolf teria se casado novamente?" Ao pensar nisto, uma pontada de ciúme lhe doeu no peito...

- Talvez tenham razão... ainda não estou pronta para uma visita...

- Falando sozinha, minha irmã?

Iolanda estava tão distraída com seus pensamentos que nem percebeu a chegada de Fernando.

- Como tem passado, meu amigo?

- Ah, muito melhor! – sentou ao seu lado – em que pensava?

- Em meus familiares... sinto muito sua falta!

Fernando silenciou. Falar nos entes que ficaram ainda era difícil para ele.

- Também tenho pensado muito nos meus. Agora percebo muitas coisas. Já lhe contei, Iolanda, minha história?

- Não... sei que traz consigo velhas feridas!

- Sim! Mas, graças ao Criador, até mesmo as mais profundas feridas cicatrizam.

“Quando encarnado na terra, pertenci a uma rica e tradicional família. Éramos dois irmãos. Talvez por ser mais jovem ou por estar sempre adoentado na infância, exigindo cuidados médicos, Manoel tinha a preferência de meus pais. Cresci com ciúmes destes cuidados e desenvolvi em meu íntimo uma vontade de vencê-lo a todo custo. Competia com ele sempre! Nas rodas de amigos, nos jogos, nos salões.

“Certa vez meu irmão enamorou-se por uma jovem. Ela era linda, realmente. Muito educada e gentil. Desde que soube disto, uma ideia louca apossou-se de meu espírito. Eu precisava roubar sua amada. Eu me casaria com ela e não ele!

“Sem que Manoel suspeitasse, conversei com meu pai pedindo-lhe a aprovação. Luiza era filha de um grande amigo de meu pai. Em conversa com ele, fiquei sabendo que ambos sempre desejaram a união das famílias. As coisas estavam caminhando de acordo com meus planos.

“Minha irmã, para encurtar a história, Luiza e

eu nos casamos para alegria das famílias, exceto de meu irmão. O desapontamento com que recebeu a notícia de nosso noivado, sua tristeza no dia do casamento representaram, para mim, uma grande vitória. Mal sabia eu, que com aquela atitude eu dava o primeiro passo em direção à minha derrocada moral”

Fernando já não conseguia conter as lágrimas. As lembranças dos enganos passados pesavam ainda muito em seu ser atormentado.

“Pouco tempo depois de meu casamento, eu me encontrava extremamente insatisfeito. Me casara movido por interesses egoístas e mesquinhos. Logo procurei outras companhias na tentativa de suprir o vazio que se fazia em meu peito. Não amava Luíza. Minha pobre companheira logo percebeu meu desinteresse. Soube das inúmeras traições que nunca fiz questão de esconder. Sua natureza doce e gentil fez com que tudo suportasse. Os filhos que tivemos foram o seu consolo.

“Os anos se passaram. Minha vida desregrada, os vícios e a insatisfação que assolava meu íntimo desencadearam a terrível doença que me levou

à morte. A tuberculose consumiu meus dias na terra. Nos últimos meses de minha existência, já acamado e sem esperanças de recuperação, comecei a perceber uma aproximação entre Luíza e meu irmão. Manoel sempre presente não media esforços a fim de prover minhas necessidades.

"Entretanto, o orgulho e o egoísmo, verdadeiras chagas que eu trazia na alma, me levaram a interpretar de forma diferente suas atitudes. Em meu entendimento, o real motivo de seu interesse em meu lar era outro: Manoel esperava e desejava a minha morte a fim de roubar-me a esposa.

"Revoltei-me e tal fato pareceu agravar ainda mais minha saúde. Com as poucas forças que me restavam proferi palavras que agora desejo esquecer. Ofendi meu irmão, minha esposa e até mesmo os filhos não foram poupados pela minha revolta insana.

"Desencarnei em terrível sofrimento e devido ao meu estado de espírito e as emoções que dominavam minha alma, fui atraído para aquele lugar feio e triste onde nos encontramos anos depois, minha irmã!"

Iolanda escutou o desabafo do amigo sem interrompê-lo. Sabia o quanto era bom rever as lembranças, encarar os erros para poder reavaliar a própria existência. Ela mesmo fizera isto uma centena de vezes, e sempre que o fazia, renovavam-se suas esperanças de não vir a cometer os mesmos erros, os mesmos enganos. Para isto preparava-se.

Sabia, pelos mentores, que deveria retornar em breve para mais uma existência na terra. Havia aprendido muito neste período na espiritualidade, em companhia de irmãos benevolentes e de grande conhecimento.

O trabalho junto aos espíritos sofredores, que como ela também haviam falhado em suas passagens pela terra foi outro aprendizado importante, ajudando no desenvolvimento de sua sensibilidade. Mas, Iolanda sabia que era somente vivendo na terra que ela poderia colocar em prática tudo que aprendera.

- Tenho medo de errar novamente! - Fernando ao seu lado parecia ler seus pensamentos.

- Também tenho, meu irmão, também tenho!
Retornará em breve à esfera terrestre?

- Sim, preparo-me para retornar, desta vez, sem as facilidades de outrora. Entretanto, o encontro com aqueles entes queridos da última existência ficará para mais adiante.

- Tem notícias deles? Sabem como estão?

- Sim, sei que após minha morte, meu irmão Manoel foi para meus filhos, mais do que um tio: um amigo, um amparo para os dias difíceis que vieram. Sei também, que apesar de ainda nutrir por Luíza grande carinho, continua cumprindo com seus compromissos junto ao lar que acolheu na terra. Luíza vive em companhia de nossa filha mais velha. Enfim, todos continuam suas vidas, vivendo com dignidade, cumprindo com os compromissos assumidos. O grande fracasso deste grupo familiar, fui eu.

- Ora, não seja assim tão rigoroso consigo mesmo. Todos erramos! Mas a vida continua e sempre haverá uma nova chance para aqueles que como você e eu erraram, se arrependeram e desejam acertar.

Despediram-se desejando sucesso um ao outro.

Capítulo XI

- Iolanda, estamos aqui para conversar sobre seu Planejamento Reencarnatório.

- O planejamento reencarnatório consiste na preparação da volta do espírito à matéria. Tais preparativos vão desde a escolha dos pais, aspectos de seu corpo físico, doenças que poderão ocorrer e até o tipo de morte que terá, bem como a natureza das provas que enfrentará – esclareceu o irmão Fabiano.

- Como vê, Iolanda, nada acontece ao acaso. Também os encontros e reencontros necessários para reajustes com antigos desafetos do passado. O objetivo deste planejamento é traçar as metas que você deverá alcançar em sua vida na terra.

- Então, tudo está já está definido? – perguntou Iolanda levemente confusa.

- Certamente que não. A vida na terra tem um objetivo, mas o espírito ao reencarnar pode esquecer as metas e compromissos assumidos. Muitos se desviam do caminho escolhido.

- Aqueles que não cumprem as promessas feitas antes de nascerem, ao retornarem para a espiritualidade, lamentam a falta de firmeza em seus propósitos e as escolhas erradas.

- Já falhei muito no passado e tenho muito medo de errar novamente - desabafou Iolanda.

- Não estará sozinha em sua caminhada.

Estaremos sempre atentos. Não pense que ao nascer o espírito se encontra em completo desamparo.

Muitos espíritos amigos, vinculados a você estarão aqui neste plano, torcendo e fazendo o possível para que sua empreitada na terra tenha o êxito esperado. Além disto, o irmão José será seu protetor e terá a tarefa de conduzi-la ao caminho do bem, zelando por seu progresso.

Iolanda recebeu um forte abraço de José. Ele foi o jovem que lhe estendeu a mão no Umbral e desde então, sempre a visitava, preocupado com ela. Sem dúvida, José foi um dos que mais havia contribuído para seu aprendizado naquele período. Seu olhar lhe parecia tão familiar e lhe despertava imensa emoção. Mas, de onde o conhecia?

Fabiano esclareceu:

- José e você são almas vinculadas por laços afetivos desde muitas encarnações. Já estiveram encarnados juntos na terra em tempos remotos. Por hora, ele será seu espírito protetor, seu anjo amigo, portanto, confiança, minha irmã! Confiança em si e na providência divina que nunca nos desampara!

E assim Iolanda nasceu em tribo africana, como uma das muitas filhas do chefe daquela nação. Teve uma infância feliz e despreocupada. Porém, ao entrar na adolescência, foi arrancada de sua comunidade junto com centenas de outros irmãos e jogada nos porões de um navio. Seu pai e irmãos foram mortos na luta pela defesa de seu povo, que agora seguia para bem longe da pátria natal.

- Seremos escravos em terra distante! O porão daquele navio negreiro estava repleto de negros vindos de diferentes regiões da África. Iolanda ouvia as explicações de um deles que parecia bem informado com relação ao seu destino.

- Escravos? – não conseguia acreditar.

O que estava acontecendo com eles? A jovem menina não compreendia tanta maldade.

Foi uma viagem difícil. Eram tratados com violência e pouca comida recebiam. Parecia um pesadelo. Homens e mulheres chorando. Até mesmo crianças foram trazidas. A situação era desesperadora e muitos não resistiram a viagem, perecendo.

Levaram mais de trinta dias para chegar ao destino daquela viagem que era o Brasil. Ao atracarem no porto do Rio de Janeiro, foram imediatamente levados aos mercados de escravos onde foram comercializados como mercadoria, rendendo altos lucros aos traficantes.

Os escravos africanos foram trazidos ao Brasil para trabalharem nos engenhos de açúcar. Trouxeram consigo seus hábitos, costumes, música, rituais, mas, foram impedidos de exercer livremente suas crenças.

Iolanda chorava a perda da liberdade, relembrando os dias felizes que passara na pátria distante. Muitas humilhações e maus tratos sofreu nos primeiros tempos. Comprada por um senhor

de engenho, dono de imensas terras no interior de São Paulo, a jovem seguiu infeliz para a nova vida. Foi escolhida pela senhora para trabalhar junto a ela e os filhos. Apesar da saudade e da desesperança, acostumou-se à nova vida. Afinal, o que lhe restava fazer?

Nos primeiros meses chorou muito, depois, conformou-se. Sua senhora, a quem todos chamavam Sinhá, era exigente com tudo e a queria sempre por perto. Era uma vida cansativa. Iolanda, porém sabia que muitos de seus irmãos viviam em condições muito mais tristes. Ela, ao menos, era bem alimentada e não sofria maus tratos.

E assim os anos passaram para Iolanda. Teve muitos filhos, mas nenhum permaneceu ao seu lado. Teve muitos companheiros, mas, apenas uma vez amou verdadeiramente. Alter era um negro forte e de muita coragem. Inconformado com as condições de vida impostas pelo dono da fazenda e a saudade da terra natal, Alter vivia incitando seus companheiros à revolta. Certa vez foi combinada uma fuga. Iolanda pediu ao companheiro que não o fizesse. Sabia o destino dos negros fujões e temia por ele.

Alter, no entanto, vivia obcecado com a ideia de ser livre novamente. Acompanhado de outros quatro escravos, abandonou a senzala durante a noite. No dia seguinte, os capitães do mato saíram ao seu encalço. Três dias depois trouxeram os negros, que foram castigados duramente diante de todos, para que servissem de exemplo.

Alter durante a perseguição caiu num rio e morreu afogado. O acontecimento entristeceu muito Iolanda, mas, consolou-se com o fato dele não ter sido capturado e torturado como os outros.

Iolanda viveu cerca de sessenta anos. Ao final de sua vida, não tinha familiares por perto, mas contava com o respeito da nova senhá daquela fazenda, Silvia, que se casara com o herdeiro dos antigos senhores.

- Descanse agora..

- A senhá é muita boa pra mim...

- Ora, é o mínimo que posso fazer por você após tantos anos de dedicação a mim e aos meus filhos.

Naquela mesma noite, desencarnou. No dia seguinte a encontraram morta. Sílvia ao saber, declarou;

- Enfim, livre, Iolanda!

Capítulo XII

Iolanda acordou num belo quarto. Olhou para o lado e percebeu as lindas flores num vaso, sobre uma mesinha de madeira. O quarto era todo pintado de branco, inclusive a porta e a janela. Uma cortina com estampas floridas impedia que o sol entrasse diretamente no ambiente bem iluminado pela luz natural.

Sentia-se bem. Pela primeira vez em muitas semanas não sentia dores e náuseas. Pensou em levantar-se, mas, antes que o fizesse, ouviu leve batida na porta.

- Com licença! Posso entrar?

Iolanda estranhou aquele homem branco e suas gentilezas. Nunca o havia visto.

- Sou Adolf, estou aqui para ajudá-la!

- Ainda estou viva? Nunca imaginei que fosse tão forte! O homem sorriu divertido diante da exclamação.

- Sim, irmã! Realmente, é muito forte! Deseja caminhar um pouco?

Adolf levou-a até o jardim do hospital para onde

Iolanda havia sido encaminhada após a morte. No centro do jardim, havia uma fonte circular com um chafariz. A escultura chamou a atenção de Iolanda. Era uma menina segurando um vaso onde estavam plantadas flores pendentes. Os cabelos eram perfeitamente esculpidos e a expressão serena do rosto era encantadora.

- Gostou? Foi feita por um artista que também esteve aqui hospitalizado durante alguns meses.

- Lindo! Nunca vi nada igual.

Distribuídos pelo ambiente, estavam os canteiros com flores e outras plantas que Iolanda nunca tinha visto. Caramanchões cobertos de trepadeiras abrigavam bancos. Tudo era lindo demais.

Iolanda percebia pessoas caminhando vagarosamente, algumas amparadas por amigos. Não entendia o que fazia ali entre eles. Percebendo seus pensamentos, Adolf esclareceu.

- Iolanda, aqui somos todos irmãos. Não importa a cor de nossa pele ou quanto dinheiro tínhamos na terra. Para cá são trazidos todos aqueles que

precisam de um tempo para se restabelecer das provas terrestres e que tem seu coração purificado para poder usufruir desta paz merecida que você percebe aqui.

- Aqui é o Céu? Então morri?

Adolf sorriu.

- Querida Irmã, há muito o que aprender! sim, está no céu se você deseja chamar assim. Penso que é hora de retornarmos, ainda é muito recente a sua vinda para cá. É melhor que descanse um pouco mais.

- Há uma pessoa que deseja vê-la.

Iolanda voltou-se para a bela senhora que adentrava no quarto. Algo em seu olhar parecia muito familiar.

- Minha querida mãe!

Iolanda nada respondeu e deixou-se abraçar. Como poderia ela, uma negra, ser mãe daquela mulher? Mas não discutiu, apenas entregou-se à emoção daquele momento. Os dias se passaram e logo Iolanda adaptou-se a nova vida. Achou tudo muito lindo, perfeito.

- Isto aqui é um paraíso! Sinto-me viva! – falou alegre.

Adolf que estava sempre ao seu lado esclareceu:

- A morte é apenas uma passagem. Deixamos nosso corpo feito de carne e ossos e viemos para cá, onde vivemos com o nosso corpo espiritual!

Iolanda ouvia tudo com atenção. Os ensinamentos de Adolf esclareciam suas dúvidas. Logo inteirou-se de tudo. As lembranças foram retornando. Começou a trabalhar naquele mesmo hospital que a acolhera. Como estava acostumada a trabalhar sem descanso em sua vida de escravidão, Iolanda nem sabia que teria direito a folgas.

- Acho que não será necessário! Sinto-me bem trabalhando!

Adolf, porém, argumentou:

- Mas, em seus momentos de folga, poderá fazer o que quiser, aprender também! Não gostaria de rever amigos?

Iolanda lembrou-se de Alter.

- Seu antigo companheiro, infelizmente ainda permanece apegado à vida que teve na fazenda.

- Como é possível? Já faz tantos anos que ele morreu!

Alter nunca se conformou em ser escravo. Alimentou o sonho de ser livre e voltar à terra natal. Ao morrer, continuou na fazenda onde vivia, ao lado daqueles que ele considerava culpados por sua situação.

- Infelizmente, isto é muito comum. Quando morrem, muitos não conseguem libertar-se, permanecendo presos aos seus lares, seus bens, seus desejos. O desconhecimento das leis espirituais e o apego à vida atrapalham o espírito que não consegue afastar-se do meio onde vive. Muitos chegam a permanecer anos sem ao menos perceberem que já não tem mais o corpo físico. “Outro fator que também atrapalha muito o desprendimento é a raiva. Diz-se que o amor é laço poderoso a unir as pessoas, entretanto, o ódio também une. O amor é generoso, liberta, mas o ódio aprisiona. Alter odeia seus algozes por tudo que sofreu e permanece junto a eles querendo vingança.”

"Por que uns parecem sofrer mais do que outros? Porque crianças morrem em tenra idade enquanto outros vivem vida longa? Qual o sentido de tantas diferenças que existem sobre a terra? Deus seria, então, injusto ao oferecer uma sorte diferente aos seus filhos, distribuindo as dores, riquezas ou misérias de forma tão desigual? Tudo o que vivenciamos tem um sentido. O sofrimento de hoje é consequência de atos passados quando burlamos as Leis Divinas com os nossos erros."

Iolanda escutava com atenção.

- Gostaria de ajudá-lo.

- Verei o que posso fazer quanto a isto.

Algumas semanas depois, Adolf, José e Iolanda foram até a fazenda que havia sido o palco da sua última encarnação e onde ainda permanecia Alter, a fim de auxiliá-lo.

Encontraram-no sentado num banco do jardim. Assustou-se com a chegada da comitiva que parou ao seu lado.

- Quem são vocês? Já disse que não vou ajudar no que querem. Nada tenho contra aquele garoto.

Meu acerto de contas é com...

- Com quem, irmão? Acaso ainda não percebeu que seu antigo senhor há muitos anos não vive mais aqui?

Alter confundiu-se.

- Mas, ele ainda voltará! Já estava velho e doente, uma hora ela voltará pra casa! Aí eu o pegarei!

- Alter... – Iolanda aproximou-se.

- Iolanda!!! Onde andava? Nem sabe como a procurei quando morreu! Sabia que estava doente e muitas vezes estive ao lado de seu leito. Mas, quando morreu não a encontrei em canto algum!

- Não fiquei aqui, Alter. Fui levada para um belo lugar, onde fui muito bem tratada. Há tanto para aprender! Se soubesse quantas maravilhas há além das cercas desta fazenda!

- Sim, eu sei! A nossa terra natal, tão distante, era um paraíso!

- Não me refiro a lugares aqui deste mundo, Alter, mas em outros planos! Falo do lugar para onde devem seguir as almas quando deixam o corpo de carne!

- Mas, como chegar lá? Qual direção devemos seguir para encontrar estes lugares que fala? Ninguém nunca me falou nada... não me ajudaram!

- Se engana, meu amigo! Todos nós temos ajuda, nunca estamos desamparados. Acontece que você estava tão cheio de ódio que não percebeu aqueles que vieram para ajudá-lo. O ódio nos deixa cegos, Alter, é preciso perdoar as ofensas e esquecer.

- Você esqueceu-se de tudo o que sofremos? Como pode perdoar assim, tão facilmente! Éramos escravos e...

- Você ainda é um escravo, querido Alter...

O homem impacientou-se:

- Como pode dizer isto, Iolanda! Sou livre, agora! Faço o que quero!

- Está preso ao seu ódio. O ódio o torna escravo, somente o amor liberta!

Alter desatou em prantos. Há muito tempo se encontrava angustiado e infeliz. Realizar sua vingança não lhe trouxe alegria alguma. Quando percebeu que estava desencarnado, retornou à fazenda iniciando uma forte ação obsessora sobre

seu antigo senhor que era um homem extremamente orgulhoso e cruel. Alter não teve nenhuma dificuldade de aproximação. Sempre ao seu lado, o escravo desencarnado percebeu suas inclinações aos vícios de toda ordem e sondando-lhe os pensamentos passou a influenciá-lo o tempo todo. Acompanhava-o a toda parte, causando-lhe pequenos transtornos e aborrecimentos.

Inicialmente ficou entusiasmado:

- E agora? Quem é o escravo?

Entretanto o antigo senhor foi envelhecendo, adoecendo até que desapareceu da fazenda e ele já não tinha mais o que fazer. Alter não odiava os novos senhores. Eles até fizeram melhorias na senzala, diminuíram as horas de trabalho dos negros na lavoura, não usavam castigos.

Sentia-se cansado e triste. As palavras de Iolanda lhe desarmaram e ele entregou-se ao pranto.

Abraçou-se à companheira em busca de consolo.

- Venha, vamos embora...

Alter lembrou-se de outros desencarnados que viviam na fazenda e que perseguiam um garoto, filho dos senhores. Eles chegaram logo após o nascimento do menino, atormentando-o o tempo todo. O garoto chorava muito e estava sempre doente.

- Eles perseguem o pequeno Heitor... Por que não os levam também?

Adolf esclareceu:

- Não se preocupe com ele, Alter. Há irmãos nossos cuidando deste caso. Não podemos interferir no livre abítreo desses infelizes irmãos que ainda estão presos pelo ódio. Uma hora eles vão perceber que a vingança não traz a verdadeira paz e se cansarão disto.

- Mas, não é justo! O que fez aquele garoto para que o odeiem? É apenas um menino... que mal pode ter feito? – Alter não entendia.

- Há muito o que aprender – disse Iolanda – o pequeno Heitor é agora um menino mas seu espírito já viveu antes, em outros corpos.

- Vivemos muitas vidas sobre a terra, em corpos diferentes. Heitor em seu passado deve ter feito

alguma coisa que desencadeou este ódio. Mas, como eu disse, há irmãos que cuidam deste caso e pensamos que em breve tudo se resolverá. Partiram em seguida.

Alter encantou-se com tudo. Lamentou os anos perdidos com a vingança.

- Não se perturbe, Alter. Todos erramos. Perdoe a si mesmo!

Logo adaptou-se.

- Agora sim, sinto-me verdadeiramente livre!

Capítulo XIII

As primeiras lembranças vieram naturalmente. Iolanda viu-se num enorme castelo. Ao seu lado, o marido, o Duque de Astangos.

- Adolf... Lembrou-se também da filha. - Marie!
Querida filha!

Foi ao encontro de ambos assim que concluiu suas tarefas no hospital. Abraçaram-se emocionados.

- Recordo-me de tudo... Perdoe-me, queridos!
Horas mais tarde enquanto conversavam, Iolanda lamentou:

- Naquela ocasião, não aproveitei a companhia de vocês! Havia momentos em que eu os odiava por me deixarem de lado.

- Marie e eu temos afinidades que se concretizaram em remotas encarnações. Percebemos, depois, que nos isolamos de você. Poderíamos ter tentado compreendê-la mais e assim, conquistar o seu amor!

- Mas, teremos nova oportunidade de formar uma família a fim de desenvolvermos um amor profundo

fortalecendo nossos laços – informou Marie.

Confiantes no futuro despediram-se naquele dia envolvidos em muita paz. O tempo passou. Iolanda, Adolf e Marie aguardavam os mentores que os chamaram para uma conversa. Sabiam que o assunto era a reencarnação de todos em tempo próximo. Sentados frente a frente com os benfeitores espirituais, ouviam atentamente as considerações.

- Meus filhos, nas sucessivas encarnações contatamos com inúmeros irmãos, seja através de laços de amizade, parentesco ou sociedade. Nem sempre esta convivência é pacífica! O egoísmo, o orgulho, o ciúme, entre outras coisas, podem ocasionar sérios desentendimentos entre aqueles que deveriam se amar. Mas, é preciso aprender a viver em harmonia estabelecendo laços de sincero amor entre todos. Aos inimigos do passado, novas oportunidades são dadas! O reencarne em uma mesma família traz a oportunidade de solidificar os laços através do amor, promovendo o perdão e a reconciliação.

O bondoso senhor silenciou por alguns

segundos enquanto escolhia as palavras certas para continuar.

- Nova encarnação os aguarda! Preparai-vos!

- Iremos juntos? – perguntou Iolanda

O benfeitor sorriu diante do comentário.

- Cara irmã, sei do seu apego aos entes queridos que ora estão ao seu lado. Não esqueça, porém, que este amor deverá estender-se também a outros, a fim de formarmos um dia, uma grande família na Terra!

Iolanda envergonhou-se diante de sua ansiedade.

- Reencarnarão no Brasil. Mas, antes que possamos organizar vossa partida, bem como a situação em que isso se dará, é necessário que relembrem certos fatos de um passado distante. Muitos séculos se passaram e somente agora será possível a reunião de antigos desafetos para uma nova tentativa, que esperamos seja vitoriosa. Vamos aos fatos...

FIM DO VOLUME 1

Este livro foi recebido do espírito Mara Lúcia,
através da psicografia
de Istela Foss, no ano de 2001.

